

MEU CONTATO COM JOSEF POPPER- LYNKEUS (1932)

NOTA DO EDITOR INGLÊS

MEINE BERÜHRUNG MIT JOSEF POPPER-LYNKEUS

(a) EDIÇÕES ALEMÃS:

- 1932 *Allgemeine Nährpflicht* (Viena), 15.
 1932 *Psychoanal. Bewegung*, 4, 113-18.
 1934 *G.S.*, 12, 415-20.
 1950 *G.W.*, 16, 261-6.

(b) TRADUÇÃO INGLESA:

'My Contact with Josef Popper-Lynkeus'

- 1942 *Int. J. Psycho-Anal.*, 23 (2), 85-7. (Trad. de James Strachey.)
 1950 *C.P.*, 5, 295-301. (Reimpressão da anterior.)

A presente tradução inglesa é uma versão corrigida da de 1950.

Este artigo apareceu, pela primeira vez, numa revista fundada sob a influência de Josef Popper (1838-1921), em número especial editado para comemorar o décimo aniversário de sua morte. Freud havia escrito um artigo mais curto, em moldes semelhantes, dez anos antes, na própria ocasião da morte de Popper (1923f). Pode-se encontrar uma explicação sobre o homenageado na Nota do Editor Inglês que apresenta aquele artigo (Edição *Standard* Brasileira, Vol. XIX, pág. 323, IMAGO Editora, 1976). As primeiras páginas do presente artigo proporcionam uma verdadeira sinopse de toda a essência da teoria psicológica de Freud, escrita com clareza e precisão características.

MEU CONTATO COM JOSEF POPPER- LYNKEUS

No inverno de 1899, meu livro sobre *A Interpretação de Sonhos* (embora a página de rosto tivesse recebido a pós-data do novo século) encontrava-se diante de mim, finalmente pronto. Essa obra foi produto de quatro ou cinco anos de trabalho e sua origem não foi comum. Ocupando o cargo de professor conferencista de

doenças nervosas, na Universidade, eu vinha tentando sustentar-me e a minha família, que crescia rapidamente, exercendo a clínica médica entre os chamados 'neuróticos', tão numerosos em nossa sociedade. Mas a tarefa se mostrou mais difícil do que eu imaginara. Os métodos usuais de tratamento evidentemente ofereciam pouco ou nenhum auxílio: outros caminhos deviam ser seguidos. E como haveria de ser possível ajudar de algum modo os pacientes, quando não se conhecia nada de sua doença, nada das causas de seus sofrimentos ou do significado de suas queixas? Assim sendo, procurei sequiosamente orientação e ensino junto ao grande Charcot, em Paris, e junto a Bernheim, em Nancy; por fim, uma observação feita por meu mestre e amigo Josef Breuer, de Viena, pareceu abrir uma nova perspectiva para a compreensão e o êxito terapêutico.

O fato é que essas novas experiências tornaram claro que os pacientes que qualificávamos como neuróticos, em certa medida sofriam de distúrbios *mentais* e deviam, por conseguinte, ser tratados por métodos psicológicos. Nosso interesse, portanto, voltou-se necessariamente para a psicologia. A psicologia que vigorava naqueles tempos, nos cursos acadêmicos de filosofia, tinha muito pouco a oferecer e absolutamente nada que servisse aos nossos propósitos: tínhamos de descobrir, desde o início, tanto os métodos como as hipóteses teóricas que os sustentassem. Assim, pus-me a trabalhar nesse sentido, primeiramente em colaboração com Breuer e, depois, independentemente dele. No final, transformei em parte inseparável da minha técnica solicitar a meus pacientes que me falassem, sem se criticarem, tudo o que lhes viesse à mente, conquanto se tratasse de idéias que não pareciam fazer sentido ou que eram difíceis de referir.

Quando concordaram com minhas instruções, os pacientes contavam-me seus sonhos, entre outras coisas, como se fossem coisa da mesma espécie que os seus demais pensamentos. Isto era evidente indicação de que eu devia atribuir tanta importância a esses sonhos quanto a outros fenômenos inteligíveis. Não eram, porém, compreensíveis, e sim estranhos, confusos, absurdos: tais como os sonhos, de fato, os quais, por essa mesma razão, eram condenados pela ciência como uma espécie de repuxões fortuitos e absurdos do órgão da mente. Se meus pacientes tinham razão — e pareciam estar apenas repetindo antigas crenças mantidas, durante milhares de anos, por pessoas sem bases científicas —, eu me encontrava perante a tarefa de interpretar sonhos numa forma que pudesse resistir às críticas científicas.

No início, eu, a respeito dos sonhos dos meus pacientes, naturalmente entendia não mais do que esses mesmos sonhadores. Contudo, aplicando a esses sonhos, e, mais especialmente a meus próprios sonhos, o método que eu já utilizara para o estudo de outras construções psicológicas anormais, consegui responder à maior parte das questões que se podia levantar numa interpretação de sonhos. Havia muitas questões: Com que sonhamos? Por que sonhamos? Qual a origem de todas as características estranhas que diferenciam os sonhos da vida desperta? — e muitas outras questões mais. Algumas das respostas puderam ser dadas com facilidade e vieram a confirmar pontos de vista que já haviam sido apresentados; outras, porém, envolviam hipóteses completamente novas, referentes à estrutura e ao funcionamento do aparelho da mente. As pessoas sonham com as coisas de que a mente se ocupou durante as horas da vida desperta. As pessoas sonham a fim de apaziguar impulsos que ameaçam perturbar o sono e a fim de poderem dormir. No entanto, por que se tornou possível aos sonhos apresentarem aparência tão estranha, tão confusamente absurda, em contraste tão evidente com o conteúdo do pensamento desperto, apesar de tratarem do mesmo material? Não podia haver dúvida de que os sonhos eram apenas um subtítulo de um processo racional de pensamento e podiam ser

interpretados, isto é, traduzidos para um processo racional. O que precisava ser explicado era, contudo, a *distorção* que a elaboração onírica efetuara sobre o material racional e inteligível.

A *distorção onírica* era o mais profundo, o mais difícil problema da vida onírica. E o que a esclareceu foi a noção segundo a qual os sonhos formavam uma classe em pé de igualdade com outras formações psicopatológicas e se revelavam, por assim dizer, como psicoses normais dos seres humanos. Isso porque nossa mente, esse precioso instrumento por intermédio do qual nos mantemos vivos, não constitui uma unidade pacificamente independente. Antes, pode ser comparada a um Estado moderno no qual uma plebe, sedenta de prazer e de destruição, tem de ser reprimida à força por uma classe superior mais prudente. Todo o fluxo de nossa vida mental e tudo o que se expressa em nossos pensamentos são derivações e representações dos instintos multiformes que são inatos em nossa constituição física. Mas nem todos esses instintos são igualmente suscetíveis de serem orientados e educados e nem todos eles têm igual facilidade para se ajustarem às exigências do mundo externo e da sociedade humana. Diversos deles conservam sua natureza primitiva, ingovernável, irrefreável; se os deixássemos à solta, infalivelmente nos levariam à ruína. Conseqüentemente, aprendendo pela experiência, desenvolvemos em nossa mente organizações que, sob a forma de inibições, se opõem às manifestações diretas dos instintos. Todo impulso com caráter de desejo, que surge das fontes de energia instintual, deve ser submetido ao exame das mais altas instâncias de nossa mente e, não sendo aprovado, é rejeitado e impedido de exercer influência sobre nossos movimentos — isto é, de ser posto em execução. Realmente são muitas as vezes em que esses desejos são proibidos até mesmo de ingressar na consciência, que, habitualmente, não chega a tomar conhecimento da existência dessas fontes instintuais perigosas. Descrevemos esses impulsos como estando *reprimidos*, do ponto de vista da consciência, sobrevivendo apenas no inconsciente. Se aquilo que está reprimido empenha-se, de alguma forma, por obter ingresso à consciência ou ao movimento, ou a ambos, já não estamos mais normais: nesse ponto, emerge toda a gama de sintomas neuróticos e psicóticos. A manutenção das inibições e repressões necessárias exige de nossa mente um grande dispêndio de energia, do qual ela se alivia com satisfação. Uma boa oportunidade para isso parece surgir à noite, através do estado de sono, pois o sono implica uma cessação de nossas funções motoras. A situação parece segura e a severidade de nossa força policial interna pode, portanto, ser relaxada. Como não se pode ter certeza, ela não é retirada por completo: possivelmente o inconsciente jamais dorme, em absoluto. E, então, a redução da pressão sobre o inconsciente reprimido produz seu efeito. Dele originam-se desejos que durante o sono poderiam encontrar aberta a porta de entrada para a consciência. Se chegássemos a conhecê-los, ficaríamos aterrorizados tanto por seus temas como por sua falta de freios e, na verdade, pela mera possibilidade de sua existência. No entanto, isto só acontece raramente, e, quando acontece, acordamos o mais depressa possível, em estado de medo. Mas, via de regra, nossa consciência não experimenta o sonho como ele realmente se passou. É verdade que as forças inibidoras (*a censura de sonhos*, conforme as denominamos) não estão inteiramente despertas, outrossim não dormem por completo. Elas exerceram uma influência sobre o sonho enquanto este lutava para encontrar expressão mediante palavras e imagens, eliminaram aquilo que era mais censurável, modificaram outras partes do sonho, até se tornarem irreconhecíveis, desfizeram conexões reais enquanto introduziam conexões falsas, até que a fantasia plena de desejos, franca porém brutal, que estava por trás do sonho, transformou-se no sonho manifesto, tal como dele nos lembramos: mais ou menos confuso, quase sempre estranho e incompreensível. Assim, o sonho (ou a

distorção que o caracteriza) é a expressão de uma conciliação, é a evidência de um conflito entre impulsos e tendências reciprocamente incompatíveis de nossa vida mental. E não nos esqueçamos de que o mesmo processo, a mesma influência mútua de forças, que explica os sonhos de uma pessoa normal, nos possibilita compreender todos os fenômenos da neurose e da psicose.

Devo pedir desculpas se até aqui falei tanto a respeito de mim mesmo e de meu trabalho relativo aos problemas do sonho; mas isto foi um preliminar necessário para o que vem a seguir. Minha explicação da distorção onírica parecia-me nova: em parte alguma eu encontrara qualquer coisa parecida. Anos depois (já não consigo lembrar quando), encontrei o livro de Josef Popper-Lynkeus *Phantasien eines Realisten*. Uma das histórias deste livro tinha como título 'Träumen wie Wachen' ['Sonhar Acordado'], e não podia deixar de suscitar meu mais profundo interesse. Havia nele a descrição de um homem que podia gabar-se de jamais ter sonhado qualquer coisa absurda. Seus sonhos podiam ser fantásticos, como contos de fadas, mas não eram tão desprovidos de concordância com o mundo desperto, que fosse possível dizer terminantemente que 'eram impossíveis ou absurdos em si mesmos'. Traduzindo para a minha forma de expressar, isto significa que, no caso desse homem, não ocorria distorção onírica; o motivo apresentado para a ausência desta explicava ao mesmo tempo o motivo de sua ocorrência. Popper deu ao homem uma compreensão interna (*insight*) completa dos motivos de sua peculiaridade. Fê-lo dizer: 'A ordem e a harmonia reinam tanto em meus pensamentos como em meus sentimentos, e esses dois não lutam entre si... Eu sou um só e indiviso. Outras pessoas estão divididas e suas duas partes — vigília e sonho — estão quase permanentemente em guerra uma com a outra.' E ainda, quanto à interpretação dos sonhos: 'Certamente que essa não é uma fácil tarefa; mas com um pouco de atenção por parte daquele que sonha, deve sem dúvida alcançar êxito. — Você pergunta por que é que na sua maioria não alcança êxito? Em outros como você, sempre parece haver algo que jaz oculto em seus sonhos, algo de impuro num sentido especial e mais elevado, uma certa qualidade secreta em seu ser que é difícil de acompanhar. E eis por que seus sonhos, tão amiúde, parecem estar destituídos de significado ou mesmo ser absurdos. Mas no sentido mais profundo não é isso de modo algum o que ocorre; realmente, não pode ser assim absolutamente — pois é sempre o mesmo homem, quer esteja acordado, quer sonhando.'

Ora, se deixarmos de lado a terminologia psicológica, era esta a mesma explicação da formação onírica a que eu chegara com meu estudo dos sonhos. A distorção era uma conciliação, algo de dissimulado havia na sua própria natureza, era um conflito entre pensamento e sentimento, ou, como eu o formulara, um conflito entre o consciente e o reprimido. Onde não houvesse um conflito desse tipo e não fosse necessária a repressão, os sonhos não poderiam ser estranhos nem absurdos. O homem que sonhasse de modo não diverso do modo como pensa quando acordado, teria garantido para si, segundo Popper, a própria condição de harmonia interna que, na qualidade de reformador social, almejava na formação do corpo político. E se a ciência nos informa que um homem assim, inteiramente isento de maldade e falsidade, isento de repressões, não existe e não poderia sobreviver, podemos, não obstante, suspeitar que, na medida em que é possível uma aproximação a semelhante ideal, este encontrou sua concretização na pessoa do mesmo Popper.

Dominado pela emoção de encontrar tamanha sabedoria, comecei a ler todas as suas obras — seus livros sobre Voltaire, sobre religião, sobre guerra, sobre a provisão universal da subsistência, etc. — até haver-se formado nitidamente diante de meus olhos uma imagem desse grande homem sincero, que foi um pensador e crítico, e, ao mesmo tempo, um afetuoso humanitário e reformador. Refleti muito a respeito dos direitos do

indivíduo, que ele advogava, e a que com satisfação teria dado meu apoio, não estivesse eu sido refreado pela idéia de que nem o processo da Natureza nem os fins da sociedade humana justificavam muito essas reivindicações. Um especial sentimento de simpatia atraía-me a ele, de vez que também ele, evidentemente, tivera uma experiência dolorosa da amargura da vida de um judeu e do vazio de ideais da civilização de nossos dias. No entanto, nunca o vi pessoalmente. Ele sabia de mim através de conhecidos comuns e, certa vez, tive oportunidade de responder a uma carta sua, na qual me pedia algumas informações. Mas nunca o procurei. Minhas inovações em psicologia tinham-me separado de seus contemporâneos, e especialmente daqueles mais idosos: muitíssimas vezes, quando me aproximava de um homem que eu tinha venerado a distância, via-me repellido, digamos assim, por sua falta de compreensão daquilo que se tornara toda a minha vida para mim. E, afinal, Josef Popper tinha sido um físico: fora amigo de Ernst Mach. Eu desejava ardentemente que a feliz impressão de nossa concordância quanto ao problema da distorção onírica não viesse a ser desfeita. Assim aconteceu que adiei a ocasião de visitá-lo, até que se tornou tarde demais, e agora o que posso fazer é saudar seu busto nos jardins em frente ao nosso Rathaus.